



Ney Marinho*

Racismo e o mistério da repetição

O paciente conta que uma de suas mais antigas recordações da infância foi quando viu seu pai chorar e a casa em grande agitação. Tios e familiares explicavam que os turcos haviam queimado as lojas dos vizinhos gregos,

de muitos amigos da família. No entanto, podia ficar sossegado já que nada ocorreria com eles. Esse paciente era de uma família de comerciantes judeus que tinha sua loja no bairro grego. Continua o relato e diz:

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

anos mais tarde, quando vim para o Brasil, pouco antes da guerra, e passamos pela Europa, ouvi meus pais falarem de lojas de judeus queimadas pelos nazistas e seus simpatizantes, daí a pressa de embarcarmos para longe. [...] não entendi, pensava que somente os gregos tinham as casas e lojas queimadas!

Um paciente de um colega latino-americano, a quem agradeço o material, de país de colonização espanhola dizia: “Meu ódio se manifesta assim: tem um índio andando na minha frente na rua; aí eu fico andando atrás dele, dizendo para mim mesmo: sai da frente índio filho da puta. Não é nada pessoal”.

Entre os dois relatos há mais de 50 anos de distância e muitos milhares de quilômetros. Os gentílicos podem mudar: em vez de turcos, gregos, judeus e alemães, podemos falar de negros, árabes, índios. Uma boa gama de explicações históricas, econômicas, geográficas, e mesmo psicanalíticas, podem explicar tais episódios, mas certamente, por mais verdadeiras e perspicazes que sejam, sobra sempre um resto de frustração uma vez que tais situações se repetem. Lembremos que episódios semelhantes ocorreram em países de alto grau de sofisticação cultural e científica. Deste modo, optei por tomar o tema da repetição para sugerir aos leitores uma pesquisa, com a mesma atitude de perplexidade que meu paciente David – a quem agradeço a confiança por termos trabalhado tanto tempo juntos, num remoto passado – descreveu tão bem. Sei que pode parecer uma proposta ingênua ou retórica, mas acredito que poderá ser útil caso concorram com algumas hipóteses iniciais.

Em primeiro lugar, quero deixar claro que o que proponho aqui parte de um depoimento de um psicanalista brasileiro. Evidentemente, colegas de outras nacionalidades terão outros enfoques, e o intercâmbio é sempre enriquecedor.

Em segundo lugar, desejo chamar a atenção para a necessária diferenciação entre *repetição* e *continuidade*. Essa muitas vezes pode passar despercebida, como parece ser o caso do racismo no Brasil.

Por último, e em terceiro lugar, pretendo sugerir o que julgo ser a contribuição da psicanálise como instrumento de crítica da cultura a esta pesquisa.

Um depoimento brasileiro

No Brasil, vejo o racismo – sob suas diversas manifestações de discriminação, quer em relação a cor, à etnia (antissemitismo, em especial, por parte de uma pretensa *aristocracia* decadente; índios, os que restaram; emigrantes pobres, em geral), à classe social (pobres de toda ordem e os trabalhadores braçais em particular), ou às regiões (norte e nordeste por abrigarem populações mais carentes) – profundamente ligado a políticas ou ideologias de manutenção ou fundamentação da tradicional desigualdade que caracteriza nossa sociedade.

Nossa herança escravagista

O racismo, no Brasil, é um dos frutos de nosso passado escravagista (mais de 400 anos de escravidão, sendo o último país ocidental a libertar os escravos) e do latifúndio. No nosso país, escravidão e latifúndio são inseparáveis e nos legaram uma complexa herança. Neste ponto, nossa proposta de pesquisa sugere um retorno a Hegel – à dialética senhor/escravo – como fonte de uma reflexão mais profunda, para uma leitura livre sem compromissos prévios que impeçam a sua ampla utilização. Pois, precisamos dessas contribuições da filosofia para pensar, por exemplo: como fomos afetados pela estrutura escravagista perversa que, em sua dialética, ora nos faz escravos submissos, ora senhores cruéis, mas carentes de seus servos¹. De tal herança recebemos também outros frutos: lembremos que a tortura era prática legal em relação aos escravos, assim como a tradicional submissão, sobretudo de nossa elite intelectual aos senhores de preferência estrangeiros; Tradição, que por uma certa inércia e por fortes obstáculos ao desenvolvimento de projetos próprios, se manteve. O mesmo ocorreu com a classe política, sempre com uma relação promíscua com os

senhores de terra, no passado², e com o capital no presente. Tudo isto é importante porque pode levar os menos avisados a se iludirem com –parodiando Hannah Arendt– a *banalidade das ditaduras*. Há um forte movimento conservador que tenta vender, sobretudo aos jovens, a proposta de que ditaduras militares poderiam pôr ordem no caos que a democracia traz. Aqui estaríamos assistindo uma *repetição*, uma vez que foram esses os mesmos argumentos que mobilizaram antigos integralistas, como se autodenominavam os fascistas brasileiros, e que, em 1964 e dentro da lógica da guerra fria, própria da época (anos 60), multidões de pessoas de classe média repetiram para restaurar a ordem, impedindo o desenvolvimento de qualquer projeto de nação autônoma. Repetição e/ou continuidade?

A contribuição psicanalítica

Desde suas origens a psicanálise tem a cultura como uma das suas dimensões, ao lado da clínica e da teoria. Tanto se presta a compreendê-la, como extrai dela questões e ensinamentos. Contudo, os problemas que estamos discutindo, dada a sua relevância e persistência, tornam-se um grande desafio. Certos desenvolvimentos, como a teoria das transformações de Bion (1965) – outros colegas com diferentes referenciais devem pensar em outros instrumentos –, podem auxiliar-nos, por exemplo, identificando invariantes que permitam reconhecer continuidades em lugar de meras repetições. O mesmo pensamos das teorias sobre grupos humanos, muito do que mencionamos até aqui pede uma reflexão sobre os grupos, em particular, os grandes grupos que parecem seguir regras próprias. Por outro lado, temos que enfrentar certas dificuldades históricas como, por exemplo, não termos acesso mais íntimo às vítimas de racismo, pois, o fato de não receber os benefícios de muitos dos desenvolvimentos de nossa cultura, como é o caso da psicanálise, faz parte da exclusão a que são submetidos.

Também há um outro ponto que caberia à psicanálise – mais uma vez em diálogo com a filosofia –, que consiste na irracionalidade

com que se construiu nossa sociedade e que, na verdade, não satisfaz a ninguém; lembraríamos Mandela quando “compreende que a longa caminhada para a liberdade por ele empreendida incluía a liberação, não só de seu povo oprimido, mas de seus opressores [...] seu conceito de liberdade só faria sentido se ele se colocasse acima da oposição, da unilateralidade, liberando o opressor de sua própria servidão [...] um único povo caminhando em direção ao futuro” (Marinho, 2015).

Referências

- Bion, W. R. (1965). *Transformations: Change from learning to growth*. Londres: Heinemann.
- Hegel, G. W. F. (1999). *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1807).
- Leal, V. N. (2012). *Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras. (Trabalho original publicado em 1948).
- Losey, J., Priggen, N. (produtores) e Losey, J. (diretor). (1963). *The servant* [produção cinematográfica]. Estados Unidos: Springbok Productions. Elstree Distributors.
- Marinho, F. (setembro de 2015). *O perdão: Tributo a Nelson Mandela*. Texto apresentado no 3º Encontro SBPRJ – CPLP, Biblioteca Parque da Rocinha, Rio de Janeiro.

1. Ver: *O criado*, de Joseph Losey (1963).

2. Ver: *Coronelismo, enxada e voto* (Nunes Leal, 1948/2012).